

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v11i1.39457>

O nascimento de um existencialista

Richard Morgan Müller
Universidade Federal de Santa Maria

C heguei em cima daquela linha tênue que separa um homem entre seu passado e o resto de sua vida. Se passaram 28 anos, 08 meses e 26 dias. Esse é o tempo de uma vida ignóbil. Os médicos ficariam horrorizados, outros fascinados, ao perceberem que esse é o caso de letargia mais prolongado da história de nossa espécie. Um caso clínico raro. Mas, tão mais raro é o despertar do estado letárgico. Tornar-se senhor de si e não do acaso: eis a maior aventura que a nossa espécie jamais teve qualquer aspiração. Nascermos sem precisar nascer. Vivemos sem saber o porquê. Respiramos. Estamos condenadas as leis da cinética química. Catabolismo. Anabolismo. Tão mais rápido vivemos, tão mais rápido morremos. Novamente condenados às leis da termodinâmica. Entropia. Desordem. Caos. E mesmo assim, fazemos história. Mas a história é o resultado natural de qualquer sistema dissipativo. Não controlamos a flecha do tempo. Mas podemos fazer algo a respeito de nossa existência. Ora, eu sei que minha existência não é necessária, mas ela mesma não é impossível. Eis a contingência batendo em minha porta. Os existencialistas nos advertiram que estamos condenados à liberdade. Ó Sartre, nesses momentos te odeio e te amo. Te admiro e te desprezo. Como lamento pelo maior diálogo da história que nunca aconteceu. Sartre e Prigogine, meus queridos heróis, quão revelador seria um único diálogo entre essas duas mentes brilhantes. Até o tempo daria a sua primeira e única trégua para contemplar esse momento.

Mas sabendo que estou condenado à liberdade e a tantas outras leis universais e tautologias indiscutíveis, me sinto responsável e na obrigação de intervir sobre essa massa, esse pedaço de matéria que beira o improvável. Sei, agora, que sempre fui e serei o único responsável pela minha existência, mesmo quando vivia agarrado aos seios de minha mãe. Mas nem sempre tive consciência de tal fato. Desconfio que fomos programados para não ter essa consciência, exceto quando necessária. Talvez agora seja necessário. A letargia foi seletivamente testada, aprovada e propagada pela seleção natural em nossa espécie. E com razão, mesmo não precisando de razão para tal fato. A consciência da vida é a consciência da morte, do desnecessário, do improvável, e mesmo assim, possível. É um soco no estômago. É o balançar do navio que nauseia o mais experiente dos marinheiros. É capaz de tirar-lhe o sono. Tirar-lhe a fome. Pode tirar-lhe a vida. Mas também abre o caminho para enfrentar aquilo que não cabe no acaso. É uma



droga, tão mais forte e potente que a cafeína. É a possibilidade de quebrar a única propriedade da nossa matéria que é nosso dever moral quebrar: a inércia. Um lapso de consciência é a emanção da potência de agir. Tendo gás, basta uma faísca para o nosso céu crepuscular incandescer.

Recebido em 31-07-2022

Modificado em 17-04-2023

Aceito para publicação em 01-05-2023

Richard Morgan Müller

 <https://orcid.org/0000-0002-6414-376x>

 <http://lattes.cnpq.br/0823091739354376>

Richard Morgan Müller é um pseudônimo para o nome Rodrigo Ferraz Ramos. E-mail: richardmorganmuller@gmail.com